



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE MIRACEMA-TO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LUTIÉLY ALVES DE ASSIS SOUSA

**PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR NA PRIMEIRA INFÂNCIA POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO PÓS-
PANDEMIA**

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2021

LUTIÉLY ALVES DE ASSIS SOUSA

PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR NA PRIMEIRA INFÂNCIA POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO PÓS-
PANDEMIA

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus Universitário de Miracema, curso de Licenciatura em Educação Física como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof.^a. Valdilene Wagner.

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S725p Sousa, Lutiely Alves de Assis.
Psicomotricidade Relacional no contexto da Educação Física escolar na primeira infância possibilidades de atuação pós-pandemia. / Lutiely Alves de Assis Sousa. – Miracema, TO, 2021.
40 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Educação Física, 2021.
Orientadora : Valdilene Wagner
1. Psicomotricidade Relacional. 2. Educação Física. 3. Primeira Infância. 4. Educação Infantil. I. Título

CDD 796

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(s) autor(a).

LUTIÉLY ALVES DE ASSIS SOUSA

PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR NA PRIMEIRA INFÂNCIA POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO PÓS-
PANDEMIA

Monografia foi avaliada e apresentada à Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus Universitário de Miracema do Tocantins, Curso de Educação Física para obtenção do título de licenciado em Educação Física e aprovada em sua forma final pelo Orientador (a) e pela Banca Examinadora.

Data da Aprovação ____/____/____

Banca examinadora:

Prof.^a. Valdilene Wagner > Orientadora – UFT.

Prof. Me. Lucas Xavier Brito > Examinador – UFT.

Prof. Dr. Marciel Barcelos Lano > Examinador – UFT.

Dedico este trabalho ao meu Avô José Cavalcante (*in memoriam*) que sempre me dizia que a única coisa que ninguém poderia roubar de mim, seria o estudo.

A minha filha Maria Laura, meu amor incondicional, maior e melhor presente que Deus me concedeu, meu orgulho e minha fonte de inspiração, sem ela a dedicação não seria a mesma.

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, meu refúgio e socorro, por todas as bênçãos que me concedeu até aqui e a quem sempre clamei nos momentos em que quis desistir.

A minha família, em especial a minha avó Maria do Socorro, mãe que me criou e que sempre esteve ao meu lado.

A minha mãe Sebastiana, que carinhosamente chamo de “veinha coroca” que sempre me apoiou e me amou incondicionalmente.

Ao meu esposo e companheiro Jonathas Gabriel “neném”, pessoa maravilhosa, que me ama nos meus piores momentos e mesmo assim se mantém firme ao meu lado, me ajudou demais nesse processo, principalmente cuidando da nossa filha pra eu poder me dedicar a esse projeto.

Aos meus amigos, na pessoa da minha “amora” Ana Maria, presente que a UFT me deu e amiga de todas as horas que levarei para a toda a vida, pois os obstáculos se tornam menores quando temos amigos para ultrapassá-los junto conosco.

As muitas outras pessoas do meu ciclo de convivência que estiveram ao meu lado e que não há como citar uma a uma, vocês me ajudaram a chegar até aqui.

Aos meus professores (as) que me ajudaram no processo de construção do conhecimento, em especial ao professor Lucas Xavier Brito “top da balada” que me fez ver o exercício da docência em uma perspectiva que eu não imaginava que poderia ser possível, você professor me fez querer realmente ser uma professora de Educação Física Escolar.

A professora Valdilene Wagner minha orientadora, que plantou em mim a sementinha do amor pela educação infantil e da qual tenho muito orgulho de ter sido orientanda, obrigada por todas as orientações e direcionamentos. Você foi maravilhosa.

A banca examinadora na pessoa do professor Marciel Barcelos Lano que aceitaram de modo atencioso colaborar e participar desse processo.

Gaiolas e asas

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

(Rubem Alves)

RESUMO

Esse estudo teve como objetivo conduzir uma revisão bibliográfica da literatura sobre psicomotricidade relacional no contexto da Educação Física Escolar na primeira infância a fim de perceber a aplicabilidade desse conteúdo de características terapêuticas na Educação Infantil para fins de redução dos sofrimentos psíquicos em decorrência do período pandêmico. Foram efetuadas buscas nas seguintes bases eletrônicas: Google Scholar, Periódicos CAPES, PubMed e Lilacs. Sendo feita a análise de conteúdo por meio de Bardin (2010). Assim foram analisadas 2 pesquisas sobre a psicomotricidade relacional no contexto da Educação Física na primeira infância e por meio destas foi constatado uma melhora na comunicação verbal e não-verbal, socialização, interação das crianças nas relações de afeto consigo mesmas, com seus pares, com os objetos e com o professor, melhoras estas, oportunizadas por meio do jogo simbólico. Esse estudo foi importante, pois revelou uma lacuna do conhecimento devido à escassez de estudos encontrados que se propõem a confrontar os problemas de origem relacional-afetiva na sala de aula. Limitou-se as pesquisas apenas no idioma português, assim, outras pesquisas devem ser feitas futuramente em outros idiomas para maior aprofundamento da temática.

Palavras-chave: Psicomotricidade Relacional. Educação Física. Primeira infância. Educação infantil.

ABSTRACT

This study aimed to conduct a literature review on relational psychomotricity in the context of school physical education in early childhood in order to understand the applicability of this content of therapeutic characteristics in early childhood education for the reduction of psychological suffering due to the pandemic period. Searches were made in the following electronic databases: Google Scholar, Periódicos CAPES, PubMed and Lilacs. Content analysis was performed by means of Bardin (2010). Thus, 2 researches were analyzed on relational psychomotricity in the context of physical education in early childhood and through these it was found an improvement in verbal and nonverbal communication, socialization, interaction of children in the relationships of affection with themselves, with their peers, with objects and with the teacher, these improvements, enabled through symbolic play. This study was important because it revealed a gap of knowledge due to the scarcity of studies found that propose to confront the problems of relational-affective origin in the classroom. The research was limited to the Portuguese language only, thus, further research should be conducted in other languages in the future to further deepen the theme.

Keywords: Relational Psychomotricity. Physical Education. Early childhood. Early childhood education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 JUSTIFICATIVA	13
3 OBJETIVOS	15
4 REVISÃO DA LITERATURA	16
4.1 Concepções de corpo	16
4.2 Concepções de infância	18
4.3 Psicomotricidade Relacional.....	20
5 METODOLOGIA.....	23
5.1 Tipo de pesquisa	23
5.2 Base de informações	23
5.3 Busca.....	23
5.4 Seleção dos estudos	23
5.5 Análise dos dados.....	24
6 RESULTADOS	25
7 DISCUSSÃO	26
7.1 Socialização, identidade e comunicação não-verbal: a importância da linguagem corporal para a psicomotricidade relacional em aulas de Educação Física.....	26
7.2 Comunicação simbólica e afetividade: contribuições da Psicomotricidade Relacional para o acolhimento das crianças da Educação Infantil no cenário escolar pós-pandemia	31
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão do vírus SARs-CoV-2, um novo coronavírus, que causa a doença pandêmica COVID-19. Diante do novo cenário a população mundial foi desafiada a buscar mecanismos de controle e enfrentamento a esse vírus que provocou adoecimento e morte. As organizações de saúde indicaram o distanciamento social e, dentre outras medidas, enquanto durasse a fase pandêmica, o fechamento das escolas. As perdas e privações provocadas pela covid-19 geraram sofrimentos para as crianças, principalmente na primeira infância, pois esta é desenhada por mudanças marcantes que abrangem diferentes áreas do seu desenvolvimento como: motor, físico, comportamental, linguístico e emocional, e no período pós-pandemia ao receber os alunos a escola terá que ser um espaço humanizado e acolhedor, pois é presumível que nesta fase do desenvolvimento infantil a escola represente um papel expressivo no comportamento socioemocional e na formação do autoconceito da criança (SANTOS, 2015). Por isso, este estudo de revisão bibliográfica explorou as produções existentes sobre psicomotricidade relacional no contexto da Educação Física Escolar na primeira infância e percebeu a possibilidade de aplicabilidade futura desse conteúdo frente ao contexto pós-pandemia.

O fechamento das escolas enquanto medida preventiva e de controle de infecção por meio da separação física ajudou a reduzir o número de contágios salvando a vida de pessoas. O isolamento, contudo, prejudicou a interação social que é a base das relações humanas (MACHIN; et al., 2020). Para as crianças isso pode ser prejudicial pois, na primeira infância, ocorrem mudanças significativas em seu desenvolvimento que podem não ter sido oportunizadas nesse contexto de distanciamento social.

O entendimento sobre o significado de infância tomou novas formas no novo milênio. Esses entendimentos estão profundamente correlacionados as concepções de corpo e linguagem. Mas, apesar das constantes discussões e análises sociais intensas surgidas no século XX envolvendo essas temáticas, muitas vezes, as emoções das crianças ainda não são consideradas. Na tentativa de superar isso, padrões de reconhecimento da infância tem surgido em espaços públicos e privados, como por exemplo, nas escolas e dentre os conceitos difundidos, está a busca de uma diferenciação da criança em relação ao adulto criando-se assim, novas identidades moldadas por novas suposições de corpo e linguagem (SONU; BENSON, 2016).

Desse modo, dentre as concepções de corpo propagadas pelos diversos modelos de sociedade, tem-se o corpo que sofre repressões, transgressões e punições a fim de que siga

padrões impostos por contextos de dominação. As esferas de domínio são estabelecidas, também, pelas instituições, dentre elas, a escola que por meios disciplinares, por vezes, tenta alcançar a docilidade dos corpos (FOUCAULT, 2009). Repressões estão acontecendo no momento atual. Por causa da doença Covid-19, o corpo infantil vem tendo que se adaptar a uma nova realidade, a realidade do confinamento que pode acarretar em perdas físicas, emocionais e afetivas para esses corpos infantis (LINHARES; ENUMO, 2020).

Em contrapartida, a psicomotricidade relacional enquanto impulsionadora do desenvolvimento psicoafetivo e da socialização e que elege o trabalho em grupo dando ênfase a importância da comunicação por meio do corpo e do jogo espontâneo e simbólico, favorece a interação entre as crianças, possibilitando que conflitos intrínsecos aflorem e sejam manifestados. Acredita-se que ela seja capaz de proporcionar um papel significativo enquanto metodologia de intervenção pedagógica para a Educação Física escolar, o de possibilitar que a criança expresse e interaja livremente no período pós-pandêmico externalizando suas experiências, emoções e conflitos vividos em virtude do distanciamento e isolamento social, de maneira autônoma por meio de diversificadas experiências que proporcionem o conhecimento de si e do mundo, por meio de jogos e brincadeiras que ajudem em suas dificuldades e tensões, ampliando suas relações por meio da expressão corporal (SANTOS et al., 2019). No período pós-pandemia a psicomotricidade relacional poderá ser uma aliada para auxiliar na recuperação da saúde física e mental dos estudantes nas aulas de Educação Física Escolar, especialmente os da educação infantil.

Assim, a psicomotricidade surge como uma tentativa de superação das práticas educacionais que historicamente produzem teses sobre como uma criança deve viver e ser, uma vez que ela trabalha com a globalidade humana evidenciando a psicoafetividade, a socialização e a comunicação entre os seres, só que de modo não-verbal viabilizando a afetividade, a expressão das emoções, a espontaneidade dos envoltos no processo de desenvolvimento integral, reforçando a socialização (VIEIRA, 2009). Para tal, no contexto da educação na infância, ela surge como um meio de intervir e oportunizar momentos lúdicos pertinentes para essa tomada de consciência social pós-pandemia, construindo uma relação fundamental entre a criança, seu corpo e o ambiente onde está inserida e para que possa conhecer a si e aos outros, para tal, a psicomotricidade relacional na Educação Física escolar, pós-pandemia, poderá revelar benefícios, visto que dá liberdade para a resolução de problemas intrínsecos e extrínsecos da criança por meio do jogo espontâneo (SANTOS, 2015).

A doença Covid-19 e seus desdobramentos pode ter impactado no desenvolvimento do corpo infantil, não somente no que tange aos aspectos físicos que podem ser ocasionados nesses tempos de pandemia, mas também, nos aspectos afetivos e emocionais, importantes para o desenvolvimento integral da criança que vem sofrendo com múltiplos fatores como perdas afetivas, desestrutura familiar, sofrimento psíquico, confinamento doméstico que impossibilita-os de brincar e interagir com seus pares, impedimento de socialização, perdas no processo de aprendizagem formal no ambiente escolar, maior vulnerabilidade ao estresse do confinamento e impedimento de experimentar o mundo por meio do corpo (LINHARES; ENUMO, 2020).

Portanto, o presente trabalho tem por objetivo conduzir uma revisão bibliográfica sobre psicomotricidade relacional na primeira infância nas aulas de Educação Física e, também, perceber as possibilidades futuras de aplicação desse conteúdo com características terapêuticas nas aulas presenciais de Educação Física Escolar para fins de redução dos sofrimentos psíquicos das crianças que foram afetadas pelo período pandêmico.

2 JUSTIFICATIVA

Em virtude da mudança do cenário global em que estamos vivendo por causa da pandemia de Covid-19 e mediante a necessidade do afastamento físico para conter a disseminação do vírus, onde tivemos que nos afastar de pessoas queridas ao nosso convívio para nos proteger e protegê-las e mediante os diversos impactos sofridos pelas sociedades, foram surgindo indagações e inquietudes para saber como estaria a saúde afetiva e emocional das pessoas, especialmente das crianças em tempos de confinamento, crianças essas que tem necessidade da comunicação por meio da linguagem corporal e ainda, como será o retorno as aulas presenciais, haja vista que, o confinamento e distanciamento social podem afetar negativamente as crianças. Assim, surgiu a vontade de saber como a psicomotricidade relacional pode ser aliada na redução desses sofrimentos, visto que, esta, possibilita que a criança se comunique por meio do corpo, externalizando seus sentimentos e emoções intrínsecas.

As minhas experiências com a Educação Física Escolar nunca foram as melhores, ou se jogava handebol e futsal, o que raramente eu fazia, ou se ficava fazendo o relatório da aula para não participar das práticas corporais. Muitas vivências corporais me foram negadas e as poucas que tinham na escola eu não me propunha a fazer, no entanto, ao iniciar o curso de Licenciatura em Educação Física, percebi o quanto essa área é gigantesca e o quanto ela me permitiu conhecer e vivenciar experiências que tem significado para mim. Me apaixonei por algo que antes eu desprezava.

Ao chegar ao primeiro estágio supervisionado da grade curricular do curso da Universidade Federal do Tocantins, que foi na Educação Infantil, descobri que no meu município, assim como na maioria dos municípios aqui no estado do Tocantins, não há aulas de Educação Física na Educação Infantil, as crianças raramente são oportunizadas as vivências corporais no ambiente escolar. Essa situação é problemática, visto que, na infância ao se movimentar por meio de jogos e brincadeiras a criança pode interagir e aprender com o que está a sua volta.

Segundo os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (BRASIL, 2006) é na Educação Infantil que as práticas pedagógicas devem se atentar a promover uma educação que vise a união dos aspectos emocionais, físicos, afetivos, cognitivo/linguísticos e sociais, entendendo a criança na sua totalidade e de maneira integral. Esse aspecto vem sendo negligenciados no ambiente escolar, especificamente na Educação Infantil nas escolas de Miracema pela falta do componente curricular de Educação Física. Por meio dos meus

estágios pude compreender que, em alguns casos, mesmo havendo um professor de Educação Física, esses aspectos também podem ser negligenciados, então, foram surgindo em mim inquietações quanto ao universo das diversas linguagens que compõe o universo infantil, linguagens essas que estabelecem comunicação corporal.

Assim, esse estudo busca na Psicomotricidade Relacional uma aliada nesse processo, apontando a importância dessa área do conhecimento para o desenvolvimento da afetividade e da aprendizagem infantil. Também, busca fazer com que mais acadêmicos se atentem para tal área, dada a carência de produções científicas sobre essa temática, dessa forma apresenta-se a relevância dessa pesquisa, visando ampliar e colaborar com debates futuros.

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

Realizar uma revisão bibliográfica da literatura sobre psicomotricidade relacional no contexto da Educação Física Escolar na primeira infância e analisar a aplicabilidade desse conteúdo de características terapêuticas na Educação Infantil para fins de redução dos sofrimentos psíquicos em decorrência do período pandêmico.

3.2 Específicos

- Conhecer e descrever as concepções de corpo, infância e psicomotricidade relacional.
- Revisar a literatura sobre Psicomotricidade Relacional e Educação Física Escolar na Educação Infantil.
- Analisar se a Psicomotricidade Relacional poderá ser uma aliada dos estudantes quando retornarem às aulas de Educação Física Escolar na educação infantil após a pandemia.

4 REVISÃO DA LITERATURA

4.1 Concepções de corpo

As concepções de corpo para a sociedade e as reflexões sobre o mesmo, sempre mudaram de forma processual ao longo da história da humanidade. A conceituação de corpo sempre foi objeto de estudo e discursos por parte de filósofos, cientistas e religiosos e até chegar aos dias de hoje esse corpo passou por diversas transformações sendo construído por padrões impostos pelos moldes da sociedade atual (FARHAT, 2008).

Nas discussões sobre o corpo para a filosofia, alguns filósofos pré-socráticos como Heráclito e Parmênides ao discutirem o corpo o dissociam da alma, separando o que é aparência do ser verdadeiro, onde o corpo vai ser desprezado a algo secundário. “O corpo além de fazer parte do mundo empírico [...] é o responsável pela aparência enganosa [...] o corpo é o pai do engano” (MELANI 2012, p.15). Sócrates ao indagar sobre a natureza humana, não dissociou o corpo da alma, mas estipulou uma espécie de hierarquia, pois para ele, os bens da alma seriam superiores aos bens do corpo. Platão em seu discurso sobre o corpo o renegou, pois para ele o corpo seria uma prisão, um empecilho para a evolução plena da alma, sendo necessário apartá-la do corpo na morte e enquanto esta não vir, deve-se abster dos prazeres do corpo, pois estes acorrentam a alma ao corpo (MELANI, 2012).

Na Grécia antiga o culto ao corpo belo, atlético, fértil, saudável e forte era predominante, davam destaque as práticas corporais aspirando os Jogos Olímpicos ou as guerras. Na idade média a visão de corpo estava atrelada aos pensamentos dominantes da igreja católica, que buscava disciplinar o corpo, pois esse era responsável pelas impurezas e pelos pecados praticados pelo homem. Essa concepção de corpo, embasada pela sustentação divina, elevava a compreensão da alma como elemento principal e o corpo representava a imundície do homem. No período renascentista, o corpo ainda traz marcas deixadas pela influência da igreja, contudo o corpo passa a ser considerado e investigado por meio do conhecimento científico, passando a ser um elemento importante no cotidiano e a busca pelo corpo saudável passa a ser o pensamento dominante da época (BRITO, 2016).

Na modernidade, com o advento da Revolução Industrial, Brito (2016) diz que com a eclosão do modelo capitalista, desponta a ideia do corpo do homem como máquina, necessário para atender as necessidades de produção das fábricas e esse corpo passa a ser um utensílio para a produção de capital. E é nesse contexto que Foucault (2009) traz a ideia da disciplina e docilização dos corpos pelas instituições.

Desde o séc. XVIII mediante os moldes de uma sociedade capitalista, a ideia de transformar o corpo para que ele seja mais competente, habilidoso e eficaz ganha importância e esse corpo passa a ser objeto e alvo do poder. Esse método de docilização dos corpos se dá por meio da disciplinaridade, a disciplina almeja produzir corpos conformados, condescendentes e exercitados, corpos “dóceis”. O corpo sofrerá coações, proibições e punições por meio de processos disciplinares objetivando seu adestramento. Essa necessidade de domesticar e docilizar o corpo do sujeito perpassa o interesse do corpo produtivo para o trabalho, alcançando outras instituições, como é o caso das instituições escolares (FOUCAULT, 2009).

Essa busca pela educação do corpo por meio da disciplinaridade se concretiza nos espaços escolares por meio da necessidade do controle constante das atividades e das ações dos alunos, da hierarquização, padronização, avaliação classificatória, pretendendo-se com isso que esse corpo seja educado para a vida em sociedade. Os processos disciplinares no interior da escola permitem que a instituição governe sobre os corpos dos alunos, ditando o que ele pode ou não fazer, censurando a autonomia e a expressividade do educando, que quanto mais docilizado se tornar, menos será capaz de refletir com relação ao seu papel na sociedade (BRIGHENTE; MESQUIDA, 2011).

Em relação ao campo da Educação Física que no decorrer da sua história teve momentos de ligação a instituições militares e médicas que buscavam um corpo saudável e forte para as guerras, a necessidade de disciplinar e docilizar os corpos dos indivíduos era de suma importância para atingir os objetivos dessas instituições, que eram, formar um novo homem (SOARES, 2001).

Esse modelo de Educação Física que tratava o corpo como objeto, e que para tanto deveria ser transformado, disciplinado e docilizado foi adotado pelas instituições escolares que objetivavam manter uma organização disciplinar (SILVA, 2012) e é somente a partir da década de 80 que despontam novos modelos de Educação Física Escolar que objetivam o desenvolvimento corporal por meio das próprias experiências do aluno, onde este passa a ter autonomia e liberdade para se expressar e refletir sobre questões por meio do corpo, passando a ser ator principal na construção do seu conhecimento (FARIAS, 2017). Assim fazendo uma análise embasada em Foucault (2009) entende-se que as relações de poder e as relações sociais conforme cada época irão moldar certos tipos de sujeitos, formulando diferentes modelos de corpos para atingir as finalidades de instituições dominantes.

4.2 Concepções de infância

A concepção do sentimento de infância foi se formando e recebendo diferentes representações ao longo da história. A sociedade medieval não concebia esse sentimento de infância, devido a essa sociedade perceber a criança como um pequeno adulto, demonstrando que nesse período não havia lugar para a infância, contudo isso não significa que as crianças eram desassistidas, negligenciadas ou esquecidas. A Igreja Católica teve importância na mudança de pensamento com relação ao papel da criança na sociedade, inicialmente pela visão difundida da infância de Jesus, não se restringindo somente a essa, como também a infância da Virgem e outras infâncias santas e esse sentimento de importância da criança que se afluía por meio da visão de religiosidade se manteve até o século XVII (ARIÈS, 1981).

No século XVII começa a se desenvolver o sentimento de infância, contudo é somente no século XVIII que o sentimento e a concepção de infância passam a ser evidenciados, a imagem da infância muda e desperta-se a necessidade de perceber a criança como um indivíduo, onde os pais começam a se importar mais pelo futuro da criança e a sociedade passa a ter uma visão de que ela é um indivíduo pertencente a sociedade e incluída na coletividade, a criança passa a importar como objeto de afeto e nesse contexto de mudança, quanto a imagem da infância, surgem preocupações quanto a saúde e educação, evidenciando inquietações quanto a escolarização do corpo infantil (GARANHANI; MORO, 2000).

Segundo Ariès (1981) ao longo do século XVIII o sentimento de humilhar a criança, que era habitual no espaço escolar por meio de castigos, se aplacava e contemplava-se “uma nova orientação do sentimento de infância, que não mais se ligava ao sentimento de sua fraqueza e não mais reconhecia a necessidade de sua humilhação [...] exigia cuidados e etapas, uma formação” (ARIÈS, 1981 p. 119). Esse era o novo pensamento que orientaria o contexto educacional vindo a prevalecer no século XIX.

A partir do Século XVIII com o surgimento da concepção e do sentimento de infância, assim como o sentimento de família, o cuidado que passou a ser conferido as crianças, passou a aflorar os sentimentos de afetividade e intimidade, e a sociedade compreendeu a necessidade de cuidar e preparar a criança para a vida e segundo Garanhani; Moro (2000) a preocupação com relação a educação da criança por meio da escolarização começa a ganhar mais evidência, passa-se a reconhecer e valorizar a necessidade de se buscar novos métodos de escolarizar as crianças, buscando uma reorganização dos comportamentos educativos e será nesse contexto que Rousseau (1992) irá contrariar ideias de uma educação pautada nos interesses da vida adulta, esclarecendo a necessidade de uma educação voltada

para o desenvolvimento da criança. Rousseau em sua obra *Emílio* ao trazer o corpo infantil evidencia que o processo de formação da criança deve passar pela educação do corpo, “é preciso que o corpo tenha vigor para obedecer a alma[...]” (ROUSSEAU, 1992 p. 30), enfatizando a importância de uma educação corporal, carecendo de uma Educação Física para o corpo, pois este seria condição necessária para o desenvolvimento da razão.

Segundo Bernartt (2009) ao longo da história da humanidade, apresentam-se diferentes representações de infância marcadas pela condição social da criança e o entendimento quanto ao significado de infância na atualidade tem sido construído de maneira histórica, tomando novas formas no novo milênio, contudo não podendo se desligar dos diferentes sentidos em torno da criança que favoreceram para a sua conjuntura atual que parte da compreensão da criança como ser integral, social capaz de produzir conhecimentos e cultura. Assim, Kramer (1999) ressalta que as crianças fazem parte de um todo social que as envolvem e marcam com modelos de linguagem e costumes, exercendo sobre elas determinados padrões de autoridade.

O ser humano pode se expressar por meio de diferentes linguagens existentes, com múltiplos significados que irão variar conforme a cultura, ou seja, recebendo influências do meio onde está inserido. As linguagens são vistas como meios de aprendizagem e de comportamentos sabidos e aprendidos. É por meio das manifestações da linguagem, seja ela verbal ou não-verbal, que os pensamentos humanos são compartilhados, sendo a linguagem a demonstração mais complexa da inteligência do ser humano (MATTHIESEN; et al., 2008).

As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. A linguagem verbal possibilita a criança uma comunicação que objetive a interatividade, o diálogo e uma constante produção de sentidos e significações (BRASIL, 2017).

A linguagem corporal é a linguagem por meio do movimento e do corpo, antes de se comunicar mediante a fala, a criança já manifesta ações e gestos com a linguagem corporal. O desenvolvimento da linguagem pode ser aperfeiçoado na medida em que entendermos os argumentos inclusos nas manifestações culturais. A linguagem corporal requer exploração, pois enquanto comunicação é de suma importância mediante a sua eficiência ser igual à da linguagem oral (MATTHIESEN; et al., 2008).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil-DCNEI (BRASIL, 2010), que propõem orientações específicas para a educação das crianças, pontuam que, na educação infantil, a criança por meio das práticas pedagógicas coordenadas por

conhecimentos e aprendizagens, deve ter assegurada o acesso a diversas experiências com as muitas linguagens existentes, incentivando a autonomia, a curiosidade e a exploração, que auxiliarão no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento das crianças. Visando atender essas orientações e organizar as atividades a partir das produções da criança, Sánchez; Martínez e Peñalver, (2003 p. 12) dizem que “o educador atuará como mediador, como acompanhante que ajudará a facilitar sua evolução e seu crescimento a partir de suas necessidades individuais”.

4.3 Psicomotricidade Relacional

A Psicomotricidade Relacional surge com o francês André Lapierre (1923-2008) que atuou como professor de Educação Física. Lapierre procurava aplicar seus conhecimentos em todos os aspectos do desenvolvimento humano e em decorrência de suas pesquisas passou a observar que em todas as atividades corporais e físicas, encontra-se, além do conteúdo mecânico e fisiológico, o conteúdo psíquico, o afetivo. Após tais observações, passa a não mais comungar com a maneira como eram aplicados os exercícios físicos nas aulas de Educação Física, sua insatisfação com relação a isso, faz com que se aproxime da psicanálise e seus teóricos, aprofundando-se nos estudos da sua teoria, de um corpo como um veículo extraordinário do socioafetivo, emocional e que se expressa sem o uso da palavra, pela linguagem não-verbal. Assim ultrapassa os limites da psicomotricidade e na década de 1970 cria a Psicomotricidade Relacional (SANTOS, 2011).

A Psicomotricidade Relacional visa compreender por meio da importância da comunicação corporal como se dão as relações psicofísicas e psicoafetivas do indivíduo, buscando superar a dicotomia corpo/mente, se pautando no desenvolvimento integral do sujeito e permitirá que esse sujeito seja capaz de se expressar e solucionar seus conflitos relacionais, podendo se mostrar na sua totalidade, pois a Psicomotricidade Relacional possibilita uma legitimação de sentimentos e desejos, por meio do corpo que se movimenta e interage consigo e com o outro por meio da expressão não-verbal que privilegia a expressividade (VIEIRA, 2009). Nesse contexto, Sanchez; Martinez e Peñalver (2003), pontuam que por meio do corpo a criança é capaz de descobrir emoções que desencadeiam prazer e bem-estar, o que é essencial para que ela possa se conhecer e evoluir, desenvolvendo cada vez mais seus conhecimentos.

A Psicomotricidade Relacional trabalha na perspectiva da Globalidade Humana e estimula “o desenvolvimento global, a aprendizagem, o equilíbrio da personalidade,

facilitando as relações afetivas e sociais” (VIEIRA, 2009 p.64). E ao tratar sobre o corpo Lapierre (2008 p.16) nos diz que “[...] meu corpo não é apenas um conjunto de órgãos, é o lugar onde eu moro, onde sinto, onde existo. Lugar do desejo, do prazer ou do sofrimento, lugar da minha identidade, do meu ser.[...]”.

A Psicomotricidade Relacional ao priorizar situações que oportunizam a comunicação corporal por meio de jogos não verbais, espontâneos e simbólicos, possibilita que a criança liberte e expresse seus desejos, sentimentos, o que pensa e sente, comunicando-se por meio do seu corpo em movimento, privilegiando assim a espontaneidade, o imaginário e a fantasia, possibilitando que a criança intensifique a socialização, o equilíbrio emocional, o desenvolvimento cognitivo e a afetividade possibilitando assim, compreender o que a criança diz sem mesmo se expressar verbalmente, libertando o que está reprimido (LAPIERRE, 2008).

Nas instituições escolares há possibilidade de diversos vínculos sociais e afetivos e é nesse sentido que a escola, enquanto instituição de ensino, não acompanha as transformações e mudanças da sociedade, esta deve inclinar suas práticas pedagógicas, além dos saberes cognitivos, buscar trabalhar com o desenvolvimento das habilidades socioemocionais dos alunos, buscando ajustar-se à nova realidade em que os alunos estão inseridos. A escola deve buscar meios que incorporem as habilidades cognitivas e socioemocionais, deve respeitar e considerar os alunos em sua integralidade, sendo a escola o espaço onde muitas inter-relações acontecem, e tendo como os atores principais dessas inter-relações o professor e o aluno, portanto ao buscar trabalhar com as habilidades socioemocionais do aluno, a escola estará voltando seu olhar para essa rede de inter-relações presentes no ambiente escolar (ABED, 2016).

É nesse contexto de inter-relações que a Psicomotricidade Relacional objetiva atuar, nessas relações que evidenciam a socialização e a comunicação entre os seres, só que de maneira não verbal, possibilitando a afetividade, a expressão das emoções, a espontaneidade dos envolvidos no processo de desenvolvimento integral, intensificando a socialização entre os seres. No que se refere ao espaço escolar entende-se que o contato corporal entre alunos e professores é inevitável e nesse ambiente escolar a psicomotricidade relacional evidencia a comunicação humana, onde professores e alunos são capazes de construir novas identidades por meio da relação mútua e subjetiva tão necessária ao processo de ensino-aprendizagem, ocupando-se com o que há de positivo nas relações entre eles. Além de proporcionar uma variedade de experiências motoras, auxiliando o aluno a solucionar conflitos e dificuldades comuns ao desenvolvimento, como também o estimulando na busca de novos conhecimentos,

e é nesse contexto que os professores e alunos estabelecem relações de confiança e segurança, fazendo jus ao papel social da educação (VIEIRA, 2009).

5 METODOLOGIA

5.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de estudo bibliográfico de abordagem qualitativa visando elaborar um conteúdo que parta de uma visão mais abrangente com uma ampla investigação e levantamento de fontes teóricas que podem conter bases em material já elaborado como, livros e pesquisas científicas, sendo capaz de mostrar até que ponto essa temática já foi estudada e debatida, além de evidenciar até que ponto o pesquisador está esclarecido com as últimas discussões no campo de conhecimento em análise (PRODANOV; FREITAS, 2013).

5.2 Base de informações

A busca foi conduzida nas seguintes bases eletrônicas: *Google Scholar*, Periódicos CAPES, PubMed e Lilacs. As bases foram escolhidas por serem campos da área da saúde.

5.3 Busca

As buscas foram realizadas a partir dos descritores: Educação Física, corpo, educação infantil, infância e psicomotricidade relacional. O operador booleano utilizado foi AND, não utilizamos OR e NOT nas buscas. Dentre as estratégias, no *google scholar* utilizamos a que segue: "Educação Física" AND "corpo" AND "educação infantil" AND "infância" AND "psicomotricidade relacional":PDF.

5.4 Seleção dos estudos

Títulos e resumos dos artigos extraídos na busca foram examinados individualmente. Os títulos e resumos que não apresentaram dados suficientes para definir sua elegibilidade foram descartados. Os critérios de inclusão dos artigos foram: a) estudos com corte feito nos últimos 5 anos (2015-2020); b) artigos no idioma Português; c) artigos que contenham nos resumos os descritores Psicomotricidade relacional, Educação Física e Educação Infantil. Artigos no formato PDF. Foram incluídas citações. Como critérios de exclusão definimos: estudos fora de escopo e em duplicidade.

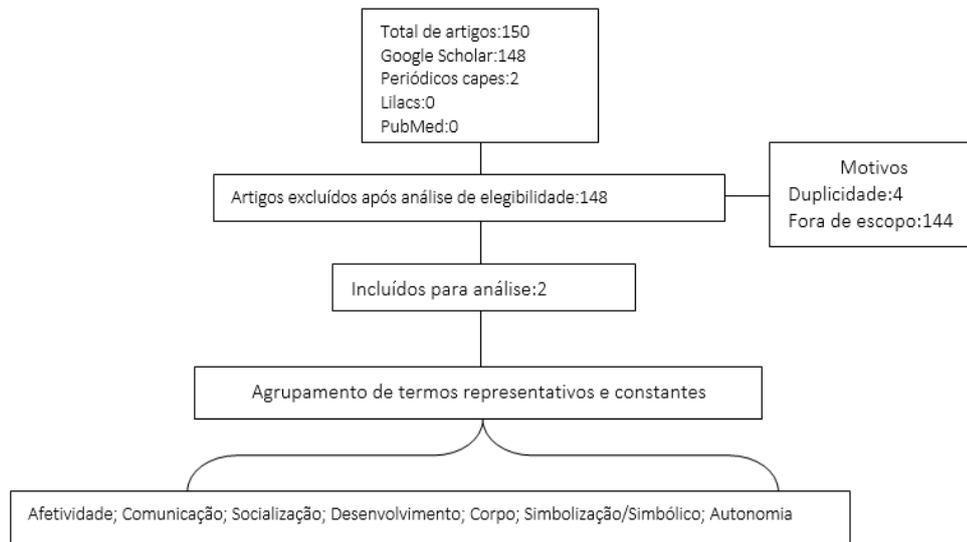
5.5 Análise dos dados

Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo de acordo com BARDIN (2010) seguindo os critérios de: Leitura flutuante por meio da busca de documentos para análise *a priori*; Organização do *corpus*; Codificação; Enumeração; Categorização por eixos de valor semântico. Foram identificados os termos que apresentaram maior frequência nas pesquisas, quais sejam: Afetividade; comunicação; socialização; desenvolvimento; corpo; simbolização/simbólico; autonomia, a partir deles foi realizada a análise e elencados em dois eixos de categorização, quais sejam: Socialização, autonomia e comunicação não-verbal: a importância da linguagem corporal para a psicomotricidade relacional em aulas de Educação Física e Comunicação simbólica e afetividade: contribuições da Psicomotricidade Relacional para o acolhimento das crianças da Educação Infantil no cenário escolar pós-pandemia.

6 RESULTADOS

Com base nas estratégias de busca, um total de 150 pesquisas foram encontradas. A seguir, na figura 1, foi apresentado o fluxograma com os estudos.

Figura 1- Fluxograma dos artigos selecionados para análise final da revisão bibliográfica.



Fonte: a autora

Na primeira rodada de buscas foram encontrados 150 artigos. A partir da análise dos títulos e resumos foram excluídos um total de 73 pesquisas por estarem totalmente fora de escopo não possuindo nenhuma relação com os descritores, 2 artigos que não estavam mais disponíveis para acesso, um total de 4 artigos foram excluídos por duplicidade nos conteúdos. Após uma segunda rodada de análises um total de 69 artigos foram excluídos por possuírem termos referentes a psicomotricidade de uma maneira geral, destes 14 tratavam da psicomotricidade relacional, contudo esta não se relacionava ao contexto da Educação Física e nem da infância, sendo assim, excluídos após análise de elegibilidade. Após as análises de títulos e resumos de acordo com os parâmetros estabelecidos para elegibilidade, 2 artigos se adequaram aos critérios e foram utilizados para análise completa. Os 2 artigos encontrados e incluídos para análise referem-se à psicomotricidade relacional atrelada ao contexto da Educação Física na primeira infância. Em um primeiro momento pode-se extrair e agrupar os termos representativos e constantes nessas 2 pesquisas e descritos na figura 1 afetividade, comunicação, socialização, desenvolvimento, corpo, simbolização/simbólico e autonomia.

7 DISCUSSÃO

7.1 Socialização, identidade e comunicação não-verbal: a importância da linguagem corporal para a psicomotricidade relacional em aulas de Educação Física

As 2 pesquisas incluídas para o estudo tiveram o intuito de investigar e analisar a influência das sessões de psicomotricidade relacional nas aulas de Educação Física em turmas de educação infantil, assim como trazer para o debate discussões acerca das relações afetivas entre as crianças pois entendem que são escassas pesquisas que se propõem a confrontar os problemas de origem relacional-afetiva na sala de aula (SANTOS et al., 2019; BOETTGE; BERSH, 2018).

Entende-se por meio dos estudos que as aulas sob a ótica da psicomotricidade relacional, partem do pressuposto da criança como sendo um ser integral, compreendendo a criança como um ser em desenvolvimento, com múltiplas linguagens, indo além do movimento. Essas aulas objetivam escutar as demandas corporais infantis, as dificuldades relacionais, sendo pautadas pelas relações de afeto, das crianças consigo mesmas, com seus pares, com o professor, com os objetos e com o meio, havendo uma melhora da socialização, nas interações sociais, na comunicação e na autonomia dos sujeitos envolvidos, para tal, algumas crianças que apresentavam comportamentos agressivos, tiveram esses comportamentos eliminados ou diminuídos no decorrer das aulas (SANTOS; et al., 2019; BOETTGE; BERSH, 2018).

Partindo do pressuposto de que tanto o corpo, como o sentimento de infância são moldados pelos modelos vigentes de sociedades em cada época (GARANHANI; MORO, 2000; FARHAT, 2008), a criança do nosso tempo enquanto sujeito histórico-social incluída em determinada sociedade e cultura, precisa se expressar, isso é uma maneira de respeitá-la no ambiente escolar, em especial nas aulas de Educação Física na educação infantil.

A criança tem necessidade de se movimentar e em alguns casos essa necessidade primitiva e extrínseca de expressar-se corporalmente respondendo ao chamado da sua própria natureza humana, faz com que seja rejeitada e desrespeitada no ambiente da educação infantil sendo-lhe imposta condutas regradas e disciplinadoras que limitam ou impedem a expressão de suas linguagens, dentre elas a linguagem corporal, assim a escola deve oportunizar as crianças múltiplas experiências que objetivem o desenvolvimento integral das mesmas (BASEI, 2008). Então, ao analisarmos a escola e a escolarização do corpo infantil sob a ótica da psicomotricidade relacional entendemos que ela pode ser uma via alternativa e contrária as

práticas pedagógicas baseadas em processos apenas disciplinares que buscam por meio de punições e recompensas a disciplinarização. No que tange a essas recompensas, nas aulas de Educação Física, estão aqueles professores que barganham com as crianças por meio de falas como “se vocês não pararem com a bagunça e se comportarem nós não vamos para a quadra” o professor utiliza-se do ensino por meio da recompensa no intuito de disciplinar as atitudes das crianças.

Essas estratégias docentes buscam uma submissão e docilização dos corpos das crianças nas instituições escolares, desrespeitando as necessidades e individualidades das mesmas, não compreendendo que tais práticas pedagógicas podem acarretar em perdas relacionadas ao gosto infantil de se ter prazer pelas aulas de Educação Física. A tentativa de controlar os corpos em questão pela punição, na psicomotricidade relacional é substituída pela escuta na atividade prática em si, onde a criança se expressa com liberdade, com autonomia, assim entende-se que o professor como mediador deve oportunizar atividades e situações de diálogo que objetivem uma autonomia coletiva, assim como a importância de alguns limites e regras, pois é necessário a criança entender a importância de respeitar as outras crianças e os valores, como justiça, responsabilidade e cooperação, fundamentais no contexto das relações sociais (MONTÊS; et al., 2010).

O excesso de rigidez na ação didática na Educação Infantil e o ensino por punição, muitas vezes faz com que a criança fique impossibilitada de socializar com seus pares e se movimentar e se expressar com liberdade. Não quero com isso dizer que a disciplina é de todo ruim, esta, prepara os alunos para se adaptarem as regras sociais coletivas, mas as punições disciplinares não tem eficácia diante das indisciplinas escolares (CLARO; RIBEIRO, 2017). Assim entende-se que o excesso ou uma formação baseada só em disciplina e controle não ajuda na formação escolar e humana das crianças, tornando-as incapazes de refletir sobre sua posição na sociedade.

A escola tem passado por mudanças significativas nas últimas décadas no que se refere a sua identidade e ao papel que deve ocupar e/ou desempenhar frente a uma lógica social com grande multiplicidade de sujeitos com especificidades e nessa perspectiva faz-se fundamental que a escola rompa com o padrão de modelo puramente técnico e excludente, de uma educação verticalizada, onde os alunos não participam da elaboração dos conteúdos sendo necessário reconhecer, que as crianças são diferentes entre si, e para tal a escola deve buscar proporcionar uma educação, que não exclua o gesto técnico, mas que seja também, pautada em condições de aprendizagens que respeitem as necessidades e ritmos individuais dos alunos de maneira inclusiva e integrativa (GOMES; et al., 2015).

Em função das mudanças impostas durante a pandemia, a escola teve que se adaptar as modificações exigidas no momento atual, contudo, ao retornar a sua realidade a escola deverá se disponibilizar a ser um local acolhedor capaz de ocupar-se dos sofrimentos psíquicos advindos por causas das perdas provocadas pela Covid-19. Nessa perspectiva, pretendo perceber a aplicabilidade desse conteúdo de características terapêuticas na Educação Infantil para fins de redução dos sofrimentos psíquicos em decorrência do período pandêmico, visto que a psicomotricidade relacional trabalha com a globalidade do ser humano e sua essência está no aspecto relacional, na afetividade, no saber ouvir o que o outro expressa mesmo que de maneira não-verbal por meio do corpo.

Os estudos “A psicomotricidade relacional como propulsora do desenvolvimento psicoafetivo e da socialização em alunos da educação infantil” e “Psicomotricidade relacional como alternativa de intervenção na Educação Física: possibilidades de aprendizagens na educação infantil” destacaram que as vivências por meio das muitas experiências e das múltiplas linguagens que as crianças se expressam oportunizadas nas sessões de psicomotricidade relacional fortaleceram as relações intrapessoais e interpessoais, proporcionando trocas comunicativas, assim como possibilitaram que as crianças expressem seus sentimentos, suas dificuldades relacionais, socializassem as suas ações, possibilitando a resolução de conflitos inconscientes, assim como as crianças conseguiram estabelecer relações de autonomia, independência, compreensão, aceitação e respeito (SANTOS; et al., 2019; BOETTGE; BERSH, 2018) .

Nas sessões de psicomotricidade as crianças aprenderam por meio do jogo simbólico e espontâneo, pela ludicidade, afetividade, pela construção, pelo compartilhar, pelas relações, pela criatividade, pelas experiências variadas, pela liberdade de se expressar, tudo aconteceu de forma natural e as crianças construíram as suas histórias baseando-se em suas vivências, aprendendo a lidar com seus conflitos, experimentando emocionalmente os objetos, o espaço e as relações com o outro. A criança se utilizou do simbolismo do jogo como maneira de expressar seus conflitos sócio- emocionais, assim o papel do professor foi mediar as atividades, interagindo e brincando junto com as crianças, além de oportunizar que a criança obtivesse confiança para ser capaz de expressar seus afetos por meio do corpo. (SANTOS; et al., 2019; BOETTGE; BERSH, 2018). A Educação Física inserida no espaço escolar é a responsável pela cultura corporal e para tal deve se pautar no trabalho com as diversas linguagens da criança, entendendo que o corpo é a base da linguagem e a criança na educação infantil deve se apropriar dessa linguagem corporal, pois à medida que a criança se expressa corporalmente, escuta suas necessidades emocionais. Ao pensar no papel que a Educação

Física na educação infantil pós-pandemia e quanto aos rumos que uma Educação Física contemporânea deve trilhar, concorda-se com Neira,

Quando a linguagem corporal é reconhecida como modo de expressão e comunicação, torna-se necessário rever as práticas educativas da Educação Física. É urgente compreender o espaço pedagógico do componente como locus de apropriação da variedade de formas pelas quais a cultura lúdica se expressa. Ou seja, as atividades de ensino precisam contribuir para alargar a compreensão que as crianças possuem acerca da realidade em que vivem e para abrir caminhos para uma participação mais intensa no mundo, participação que se faz pela interpretação, criação e transformação da sua linguagem corporal original e pela interpretação e ressignificação das diversas linguagens corporais manifestas pelos outros grupos que habitam a sociedade. (NEIRA, 2009, p.85)

Entende-se que é atribuição da Educação Física na educação infantil oportunizar uma multiplicidade de experiências e vivências corporais, por meio de situações onde as crianças possam interagir, criar, inventar, se expressar por meio do corpo, corpo este que é um lugar de expressão, assim é necessário que no ambiente escolar sejam respeitadas e consideradas todas as possibilidades usadas pela criança para se comunicar e se fazer entendida.

A psicomotricidade relacional na educação infantil, trabalha mais profundamente com as emoções, por meio do brincar e do jogo simbólico e espontâneo, estes, para alguns, visto apenas como passatempo e sem funções importantes, no entanto, ao brincar e interagir de maneira espontânea a criança se desenvolve por meio do lúdico e se expressa por meio do corpo, tendo proporcionados nesses momentos o desenvolvimento da criatividade, comunicação, interação e socialização entre as crianças, assim a psicomotricidade relacional oportuniza que a criança transfira situações de conflitos do mundo real para o imaginário. Assim, essa criança nesse brincar livre e espontâneo,

“[...] cria uma situação semelhante a da associação livre da psicanálise, na qual, segundo a regra de Freud “convida-se o paciente a dizer tudo o que pensa e sente, sem escolher ou omitir nada do que lhe vem a mente, ainda que pareça desagradável comunica-lo, ridículo, culpável, sem interesse ou fora do lugar”. Em Psicomotricidade Relacional, o dizer corporal substitui o dizer verbal e assume sua função. Trata-se de estar à escuta do “que diz sem ser dito”. (LAPIERRE; LAPIERRE, 2002, p.39).

Desse modo, a psicomotricidade relacional não se limita a apreciar a corporeidade das crianças apenas no que compete ao cognitivismo e em fins pedagógicos diretos, ele interpreta essa corporeidade como sendo fonte de expressão, comunicação, socialização, interação das crianças consigo mesmas, com outras pessoas e com o meio no qual estão inseridas.

Partindo do pressuposto que o corpo é um elemento de comunicação, socialização e de expressão das demandas sócio afetivas, diferentemente da psicomotricidade funcional que trabalha mais sob uma perspectiva cognitivista, a psicomotricidade relacional não nega a perspectiva cognitivista, ao contrário, reconhece sua importância, mas, dá ênfase a afetividade, ao saber ouvir a criança naquilo que ela expressa verbalmente e de maneira não-verbal por meio de gestos e expressões corporais.

Ao refletir sobre os impactos psicossociais causados pela pandemia de Covid-19 nas crianças, entende-se que as mesmas são mais suscetíveis ao estresse diante do fechamento das escolas e do distanciamento social devido a terem limitações quanto a compreensão sobre a situação atual, podendo estas se reprimirem, bloqueando e não expressando seus sentimentos e angústias por causa desse momento conturbado podendo as perdas afetivas acarretarem em sofrimentos imediatos, ou a longo prazo que poderão ocasionar em problemas psicológicos (DA MATA; et al., 2021). Assim, entendemos que a psicomotricidade relacional, por trabalhar com as diversas linguagens da criança e por se pautar em relações de afetos, será de grande ajuda no ambiente escolar por buscar entender as demandas relacionais e os conflitos emocionais intrínsecos e extrínsecos das crianças.

O professor poderá dedicar a essas crianças um olhar mais humano, participando das atividades junto com elas, sem julgamentos, aberto aos diversos diálogos que serão exteriorizados por essas crianças, diálogos estes, que poderão ocorrer de maneira verbal ou não-verbal, pois ao ir adquirindo confiança nesse ambiente mediado pelas diversas relações de afeto, das crianças com seus pares, com os objetos e com o professor, mais essa criança terá oportunidades para se expressar sem receios.

Sob o olhar da afetividade trazido pela psicomotricidade relacional talvez, por meio dela, a escola possa buscar, nas aulas de Educação Física, acolhimento e aconchego, onde a criança possa se sentir bem, pois entende-se que esta possa chegar ao ambiente escolar fragilizada devido ao momento vivido em relação a pandemia e a escola não pode ser uma extensão dessa fragilidade causando mais traumas para essa criança, esta precisará que os professores tenham um olhar mais humano, tendo em vista que a escola precisará receber esses seres com gestos afetivos, assim, as propostas pedagógicas deverão estar pautadas no desenvolvimento integral das crianças.

Para a psicomotricidade relacional é essencial que o professor enquanto mediador busque saber ouvir o aluno, o que ele pensa, o que ele sente, o que seu corpo está dizendo, para tal, é de suma importância na psicomotricidade relacional o papel do professor como mediador e facilitador das atividades, durante o brincar, ele deve estar preparado para

interpretar os jogos que a criança elabora sem julgamento de suas ações e sempre que preciso for, acrescentar materiais a fim de oportunizar momentos mais ricos de possibilidades de exploração. Não basta oferecer espaços físicos e materiais para que as crianças realizem seus jogos, o professor deve buscar definir as pautas de intervenções pedagógicas para ajudar a criança a se desenvolver a partir da atividade lúdica e dos jogos simbólicos e espontâneos.

Para André Lapierre só é possível alcançar a criança de forma significativa e intrínseca por meio da própria linguagem da criança, linguagem esta que além de verbal se dá de maneira gestual por meio do corpo, assim a psicomotricidade relacional tem como base a escuta e o diálogo entre o corpo e os aspectos psíquicos relacionais.

Para a psicomotricidade relacional é por meio do corpo que a criança se comunica de maneira não-verbal e verbalmente e se relaciona com os outros e com o mundo, é com o corpo que ela vai socializar, desenvolver sua identidade sendo capaz de expandir suas relações afetivas, além de que a psicomotricidade relacional possibilita que as crianças consigam desenvolver independência e autonomia frente as dificuldades relacionais e aos conflitos inconscientes, para tal, concorda-se que,

Quando a criança recupera ou mantém o dinamismo do seu ser e assume realmente a autonomia de seu desejo, ela se torna surpreendentemente disponível. Ela assimila, rapidamente, uma grande quantidade de conhecimentos, com a condição de alimentarmos o seu desejo de conhecer e de fazer com a condição, principalmente, de não restringirmos a criança a obrigação extinta de um saber selecionado, fragmentado, uniformizado e cronologicamente programado (LAPIERRE; AUCOUTURIER, 2004, p. 110).

A psicomotricidade relacional por meio de suas atividades livres e espontâneas ao potencializar o desenvolver da autonomia e assim oportunizar que crianças consigam legitimar seus desejos, faz com que comecem a tomar suas decisões de forma livre adquirindo confiança para expressar seus sentimentos, emoções e desejos, sem julgamentos e coerções e para tal, se utiliza do simbolismo do jogo como meio de expressão dos conflitos infantis intrínsecos e extrínsecos, sendo a criança capaz de experimentar emocionalmente as diversas experiências oportunizadas nas aulas.

7.2 Comunicação simbólica e afetividade: contribuições da Psicomotricidade Relacional para o acolhimento das crianças da Educação Infantil no cenário escolar pós-pandemia

Uma vez que, nós seres humanos, somos formados por emoções e cargas afetivas, torna-se indispensável uma concepção de escola infantil que oportunize intercâmbios

comunicativos, considerando as crianças como seres afetivos, com necessidades cognitivas e psíquicas, pois a criança tem necessidade de se expressar com suas muitas linguagens, assim a escola carece incluir as questões afetivas como tema de reflexões pedagógica. Assim, a psicomotricidade relacional na Educação Física Escolar pode possibilitar a criança expressar suas emoções e afetos contrapondo-se às práticas educacionais que elaboram teses de como a criança deva viver e ser, pois é no trabalho com a psicomotricidade relacional que haverá uma valorização da afetividade, das relações consigo e com o outro, assim como dos aspectos emocionais da criança oportunizados por meio de vivências corporais priorizando experiências simbólicas, que proporcionarão a criança diferentes formas de expressão, comunicação, imaginação, expressividade, socialização e exteriorização de suas emoções internas, visto que a função criativa e imaginativa praticadas durante as aulas de psicomotricidade relacional configuram uma etapa fundamental ao desenvolvimento pessoal e social infantil e que serão fundamentais no período pós-pandemia (SANTOS, 2015).

Também, em relação a linguagem da criança, sabe-se que existem situações em que esta é explorada apenas como linguagem verbal. Logo, espera-se que após o período de pandemia de Covid-19, os professores se atentem também, para a linguagem corporal da criança, que necessita movimentar-se, interagir com o outro expressando seus sentimentos por meio do corpo para desenvolver-se plenamente. Visto que, desde a idade antiga, antes de se comunicar mediante a fala o ser humano já se manifestava por meio de gestos da linguagem corporal (LIEBERMAN, 2015).

A linguagem, o interagir, o brincar e a expressão corporal da criança são fundamentais para o desenvolvimento integral infantil e nesses tempos de pandemia causada pelo vírus SARs-CoV-2 estas formas de interação social, assim como a suspensão das atividades presenciais escolares, podem estar ocasionando perdas infantis no que compete ao desenvolvimento da criança enquanto ser social retratando uma nova forma de pensar a educação infantil e a sociedade (FRANCO et al., 2021) para tal, deve-se buscar fazer pesquisas, reflexões e indagações quanto ao momento atual vivido a fim de superar as perdas infantis ocasionadas em relação a pandemia e as experiências e carências afetivas trazidas para o convívio das mesmas em virtude do distanciamento e isolamento social que evidencia e conceitua uma nova forma de pensar e experienciar as atividades cotidianas e escolares em virtude das necessidades intrínsecas e extrínsecas das crianças e de haver debates sobre novos olhares centralizados no desenvolvimento infantil alicerçados na sensibilidade do momento atual (JOROSKY; BARROS, 2020).

Como forma de tentar superar situações difíceis enfrentadas pelas crianças, a psicomotricidade relacional mostra-se como uma possibilidade de reconhecimento do direito de ser criança e de se ter, nas aulas de Educação Física na Educação Infantil, a possibilidade de expressão por meio do movimento, ressaltando a importância da comunicação por meio da linguagem do corpo, criando e estimulando situações de aprendizagem, desenvolvimento global e equilíbrio da personalidade. Essa comunicação corporal evidenciada na psicomotricidade relacional viabiliza as relações afetivas e sociais da criança e respeita o sentimento de infância, fazendo com que o conhecimento corporal se torne um facilitador de seu processo de aprendizagem (VIEIRA, 2009; LAPIERE; AUCOTURIER, 1985).

Nesse sentido faz-se essencial que as práticas pedagógicas para a educação infantil, excepcionalmente nas aulas de Educação Física evidenciem e acentuem a importância das interações da criança consigo, com as outras crianças, com os professores e com o meio, e a escola como instituição que faz parte da dinâmica social das crianças, não deve se pautar apenas em condutas disciplinares e controladoras.

Entende-se que a escola após a pandemia da Covid-19 deverá revolucionar-se e se adaptar a uma nova realidade e lógica social, contrapondo-se a isso Santos (2020) que diz que do ponto de vista histórico essa perspectiva de revolução não se sustenta, sendo esse discurso de revolução na educação escolar pós-pandemia ultraotimista, pois mesmo durante a pandemia não foram estabelecidos novos modelos de ensino que proponham impulsionar a criatividade dos alunos, tão pouco uma educação que reconheça a importância da reflexão sobre práticas de ensino e avaliações tradicionais ainda dominantes.

Na contramão desse pensamento e mesmo correndo o risco de um discurso ultraotimista, vislumbrando o desenvolvimento integral das crianças enquanto seres sociais e almejando uma nova forma de pensar a educação infantil e a sociedade, entendemos que o retorno as aulas presenciais devem buscar a ressignificação e se reinventar, tendo em vista, a gama enorme de bagagens emocionais trazidas para o espaço escolar, pelas crianças, em consequência do cenário caótico vivido no presente momento com incontáveis perdas físicas e carências afetivas. Muitas vezes a escola é o espaço de socialização onde as crianças mais interagem e nesses tempos de distanciamento social não se sabe até que ponto as crianças estão sendo atingidas pelos muitos acontecimentos nesse contexto de pandemia, e para tal entendemos que a escola não pode se fechar a essas demandas relacionais trazidas pelos alunos e um conteúdo com uma abordagem voltada para as emoções poderá ser muito importante.

Assim, entende-se que o papel do professor, em especial o de Educação Física enquanto mediador, é essencial, pois este deverá propiciar situações para as interações entre as crianças, com o predomínio da afetividade, da comunicação por meio dos jogos simbólicos e espontâneos, devendo atuar como facilitador, sendo capaz de interpretar os jogos que a criança realiza sem julgar as suas ações, pois ao incentivar as emoções, o brincar livre, o lúdico, o ouvir, a criatividade, o simbólico e as relações de afeto nas atividades oportunizadas, o professor dará sentido as atividades pedagógicas fazendo com que as crianças se interessem mais pelas atividades. O professor deixa de ser o centro da atividade, deixa de ser aquele único detentor do conhecimento e passa a ser o mediador, interagindo e socializando junto com as crianças.

Ao considerarmos a globalidade humana, e as crianças como seres sociais que se desenvolvem por meio das suas diversas linguagens, do lúdico e de amplas maneiras de se expressarem por meio do corpo, entende-se que a psicomotricidade relacional seria adequada a alguns planejamentos pós-pandemia, pois esta dirige seus cuidados para a escuta, para a afetividade e construção da personalidade da criança, contudo sem desprezar a parte cognitiva, pois tem como base a globalidade dos sujeitos. A psicomotricidade relacional tem como base a afetividade, a espontaneidade dos envolvidos, pregando atividade mais livre, oportunizando o desenvolvimento da criatividade, da interatividade, onde as crianças irão de forma progressiva, adquirindo confiança para transportar situações e suas demandas de conflito do mundo real para o imaginário, vivendo diferentes papéis por meio do simbólico e assim se tornando capazes de assimilar a realidade (ROCHA; LÍRIO, 2010).

Após a pandemia provocada pela doença Covid-19, os professores terão de ser capazes de ouvir as crianças, até mesmo sendo capazes de escutar o que não é dito por meio da linguagem não-verbal. Assim, como forma de tentar superar essas situações difíceis trazidas para o espaço escolar pós-pandêmico entende-se por meio dos estudos incluídos para análise, que a psicomotricidade relacional ao possibilitar e encorajar um olhar mais humano do professor que escutará esses alunos, poderá contribuir para a minimização dos sofrimentos psíquicos, suprimindo algumas demandas afetivas, potencializadas por meio das muitas expressões infantis, além de uma melhora na socialização, comunicação e interação com seus pares, consigo e com o meio.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo conduziu uma revisão bibliográfica da literatura sobre psicomotricidade relacional no contexto da Educação Física Escolar na primeira infância e percebeu a aplicabilidade desse conteúdo de características terapêuticas na Educação Infantil para fins de redução dos sofrimentos psíquicos em decorrência do período pandêmico. Foram analisadas 2 pesquisas sobre a psicomotricidade relacional no contexto da Educação Física na primeira infância e por meio destas foi constatado uma melhora na comunicação verbal e não-verbal, socialização, interação das crianças, nas relações de afeto consigo mesmas, com seus pares, com os objetos e com o professor, melhoras estas, oportunizadas por meio do jogo simbólico pensado a partir de uma metodologia que possibilita as crianças expressarem seus conflitos sócioemocionais intrínsecos e extrínsecos.

Desse modo, a psicomotricidade relacional ao considerar o corpo como elemento de comunicação, socialização e que este expressa as demandas relacionais e afetivas, não se limita a contemplar a corporeidade infantil apenas pelo viés cognitivo, oportuniza o ouvir a criança por meio da afetividade, quando esta se expressa de modo verbal ou não verbalmente, assim esse estudo percebeu que a psicomotricidade relacional por trabalhar com as muitas linguagens da criança e por escutar as demandas relacionas e emocionais, será de grande ajuda no ambiente escolar, pois possibilita a criança expressar suas cargas afetivas, contribuindo para a minimização dos sofrimentos psíquicos no retorno às aulas após a pandemia de Covid-19.

Embora haja uma ausência de aulas de Educação Física na educação infantil na cidade de Miracema do Tocantins, esses estudo mostrou a importância desse componente curricular para essa etapa da educação básica e como a ausência dela pode acarretar prejuízos no desenvolvimento integral das crianças, inclusive nos aspectos emocionais, sendo assim, esse estudo pode ser útil para as cidades do Tocantins que já possuem Educação Física na educação infantil, assim, é necessário que o município de Miracema do Tocantins a inclua também nesse seguimento da educação básica oportunizando o desenvolvimento integral das crianças.

Este estudo foi importante, pois revelou uma lacuna do conhecimento devido à escassez de estudos encontrados que se propõem a confrontar os problemas de origem relacional-afetiva na sala de aula, percebendo a possibilidade de aplicabilidade futura desse conteúdo frente ao contexto pós-pandemia. Limitou-se as pesquisas apenas no idioma

português, assim, outras pesquisas devem ser feitas futuramente em outros idiomas para maior aprofundamento da temática.

REFERÊNCIAS

- ABED, Anita Lilian Zuppo. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. **Construção psicopedagógica**, São Paulo, v. 24, n. 25, p. 8-27, 2016 .
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AUCOUTURIER, Bernard; LAPIERRE, Andre. **A Simbologia do Movimento: Psicomotricidade e Educação**. Curitiba: Filosofart e CIAR, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4.ed. Lisboa: Edições70, 2010.
- BASEI, Andréia Paula. A Educação Física na Educação Infantil: a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 47, n. 3, p. 1-12, 2008.
- BERNARTT, Roseane Mendes. A infância a partir de um olhar sócio-histórico. In: Congresso Nacional de Educação - Educere, 9, 26 a 29 out. 2009. **Anais...** Curitiba: PUCPR. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2601_1685.pdf> Acesso em: 24 de novembro. 2019.
- BOETTGE, Gisele Rodrigues; BERSCH, Angela Adriane Schimidt. Psicomotricidade relacional como alternativa de intervenção na educação física: possibilidades de aprendizagens na educação infantil. **Revista Didática Sistemica**, v. 20, n. 2, p. 43-56, 2018.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília, 2006b.
- BRIGHENTE, Mirian Furlan; MESQUIDA, Peri. **Michel Foucault: corpos dóceis e disciplinados nas instituições escolares**. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação. Curitiba, PUC-PR, 2011.

BRITO, Lucas Xavier Brito. **Corpo-criança aprisionado em tempo integral:** indagações sobre o “currículo da conformidade” e o “currículo da expressividade” na escola. 2016. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Educação, Palmas, 2016.

CLARO, Ana Lúcia de Araújo; RIBEIRO, Claudionia Santos da Silva. **Educar ou punir?** Um olhar sobre os atos de indisciplina. Educere XIII Congresso Nacional de Educação, 2017.

DA MATA, Alicce Abreu et al. Impacto da pandemia de COVID-19 na saúde mental de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 6901-6917, 2021.

DE SIQUEIRA FARIAS, Uirá et al. No caminho de novas práticas pedagógicas em Educação Física escolar: a participação dos alunos no desenvolvimento das aulas. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, v. 15, n. 4, p. 486-504, 2017.

GOMES, Adriana Leite Limaverde; BATISTA, Maria Isabel Bellaguarda; FIGUEIREDO, Rita Vieira De. **Psicomotricidade relacional:** contribuições para a inclusão, alfabetização e promoção da saúde socioemocional de crianças de escolas públicas de fortaleza. Educere, XII Congresso Nacional de Educação, 2015.

FARHAT, Damian Guimarães konopczyk Maluf. **As diferentes concepções de corpo ao longo da história e nos dias atuais e a influência da mídia nos modelos de corpo de hoje.** Rio Claro: [s.n.], 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** História da Violência nas Prisões. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FRANCO, Zilda Gláucia Elias; NOGUEIRA, Eulina Maria Leite; DE ARAÚJO PRATA, Welton. Educação Infantil no contexto amazônico: experiências em tempos de pandemia. **Zero-a-Seis**, v. 23, n. Especial, p. 244-268, 2021.

GARANHANI, Marynelma Camargo; MORO, Vera Luiza. A escolarização do corpo infantil: uma compreensão do discurso pedagógico a partir do século XVIII. **Educar em Revista**, n. 16, p. 109-119, 2000.

JOROSKY, Narda Helena; DE BARROS, Flavia Cristina Oliveira Murbach. Covid-19 na voz das crianças: impactos e desafios. **Revista ClimaCom**, v. 7, n. 18, p. 17, 2020.

KRAMER, Sonia. O papel social da educação infantil. **Revista textos do Brasil**. Brasília, Ministério das Relações Exteriores, 1999.

LAPIERRE, André. AUCOUNTURIERI, Bernard. **Simbologia do Movimento. Psicomotricidade e Educação**. Ed. Paris, 1985.

LAPIERRE, André; LAPIERRE, Anne. **O adulto diante da criança de 0 a 3 anos – Psicomotricidade relacional e formação da personalidade**. 2.ed.-Curitiba: Ed. Da UFPR: CIAR, 2002. 166p.

LAPIERRE, André. Cuerpo y Psiquismo. **Revista Iberoamericana de Psicomotricidad y Técnicas Corporales**. v. 8, n. 31, p. 15-20, 2008.

LAPIERRE, André. El juego. Expresión primera del inconsciente. **Revista Iberoamericana de Psicomotricidad y Técnicas Corporales**. v. 8, n. 31, p. 37-42, 2008.

LIEBERMAN, Daniel E. **A história do corpo humano. Evolução Saúde e Doença**. 1° ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LINHARES, Maria Beatriz Martins; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, 2020.

MACHIN, Rosana; COUTO, Marcia Thereza; MOTA, André. **Corpos, corporeidades e a relação indivíduo-sociedade: a covid-19 como pano de fundo da vida cotidiana brasileira**. 2020.

MATTHIESEN, Sara Quenzer et al. Linguagem, corpo e Educação Física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, ano 7, n. 2, p. 129-139, 2008.

MELANI, Ricardo Augusto Haltenhoffi. **O corpo na filosofia**: 1.ed. São Paulo: Moderna, 2012.

MONTÊS, Ana Rita; GASPAR, Susana; PISCALHO, Isabel. O processo de elaboração e implementação de regras no jardim-de-infância. **Interacções**, v. 6, n. 15, 2010.

NEIRA, Marcos Garcia. Educação Física na perspectiva cultural: proposições a partir do debate em torno do currículo e da expansão do Ensino Fundamental. **Revista Horizontes**, Itatiba/SP, v. 27, n. 2, p. 79-89, jul./dez. 2009.

PRODANOV, Cleber Cristiano.; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROCHA, Fioravente Correa Da; LÍRIO, Luciele Ribeiro. Psicomotricidade Relacional e sua intervenção na Educação Infantil. EFDeportes.com, **Revista Digital**. Buenos Aires, Año 15, Nº 147, Agosto de 2010.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio;** ou, Da Educação/ Jean Jacques Rousseau; tradução de Sérgio Milliet: 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SÁNCHEZ, Pilar Arnaiz; MARTÍNEZ, Marta Rabadán; PEÑALVER, Iolanda Vives. **A psicomotricidade na educação infantil: uma prática preventiva e educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SANTOS, Andreia Catarina Amaral. **Psicomotricidade**. 2015. Tese de Doutorado.

SANTOS, Claitonei Siqueira. Educação escolar no contexto de pandemia. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 1, n. 30, p. 44-47, 2020.

SANTOS, Halon Ubirajara Brito; JOÃO, Renato Bastos; CARVALHO, Juliana Oliveira. A psicomotricidade relacional como propulsora do desenvolvimento psicoafetivo e da socialização em alunos da educação infantil. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 27, n. 2, p. 83-96, 2019.

SILVA, Edna Christine. O movimento como dispositivo de poder. **Dança:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança, v. 1, n. 1, 2012.

SOARES, C. L. **Educação Física:** raízes européias e Brasil. 2. ed. revista. Campinas: Autores Associados, 2001.

SONU, Debbie; BENSON, Jeremy. **The quasi-human child:** How normative conceptions of childhood enabled neoliberal school reform in the United States. *Curriculum Inquiry*. v. 46, n.3, p. 230-247, 2016.

VIEIRA, José Leopoldo. Psicomotricidade Relacional: A teoria de uma prática. **PerspectivasOnLine 2007-2011**, v. 3, n. 11, 2009.